

## **IMPERFECTA RATIO: POSSÍVEIS CONFLITOS LÓGICO-HEGELIANOS NA LEITURA DE GÊNESIS 3**

[IMPERFECTA RATIO: POSSIBLE CONFLICTS ON HEGEL'S LOGIC ON HIS LECTURE OF GENESIS 3]

*Ataliba Carpes \**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

**RESUMO:** Esta pesquisa propõe-se a verificar um possível desvio metodológico feito por parte de Hegel em sua obra *Filosofia da Religião*, em sua análise de Gênesis 3. Ao longo do texto, o autor alemão realiza transcurso no sentido de identificar a origem da natureza do homem e a fundamentação da coexistência do bem e do mal no mesmo. Ocorre, contudo, que Hegel afirma que a serpente não enganou o Primeiro Casal, mas sim meramente os induziu, de modo que caso Adão e Eva comessem da Árvore do Bem e do Mal, se tornariam também Deus. No entanto, neste momento Hegel abandona seu sistema lógico (triádico-dialético), não enfrentando uma possível dialética (diádica) entre bem e mal, entre as duas Árvores do Paraíso, ou até mesmo entre Adão e Eva. Surge, portanto, a hipótese de que Hegel agiu propositalmente, haja vista que tais conceituações não se enquadrariam em seu sistema lógico, crítica esta compartilhada por alguns comentaristas da obra hegeliana. Este artigo visará responder à seguinte pergunta-motriz: “Houve, por parte de Hegel, um desvio metodológico proposital em sua leitura de Gênesis 3?”. Utilizando-se do método de abordagem hipotético-dedutivo, mediante revisão bibliográfica pertinente, este trabalho conclui pela confirmação do desvio de Hegel, uma vez que este, aparentemente, não consegue conjecturar raciocínios filosóficos que não encontrem seu apogeu após três momentos distintos e progressivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lógica; Filosofia da Religião; Gênesis 3; Criacionismo; Hegel

**ABSTRACT:** This article paper aims to verify a possible methodological detour made by Hegel on his work *Philosophy of Religion*, precisely on his Reading of Genesis 3. During the text, the german autor take a path in sense of identify the men's nature origin and the fundamentals of the coexistence between good and vil on his own. It happens that Hegel affirms that the snake didn't tricked the First Couple, but just inducted them, in a way that if Adam and Eve eated from the Good and Evil Tree, both will also become God. Despite that, in this very moment Hegel abandon his logical system, avoiding to face a possible dialectics between good and evil, the two Paradise Trees, or even between Adam and Eve. So, it hemerges the hypothesis that Hegel acted consienly, once those concepts did not fix with his logical system (critic also made by othe hegelian commentors). This paper will try to answer to the following key-question: “Did Hegel, on purpose., made an methodological avoid on his lecture of Genesis 3?”.

**KEYWORDS:** Logic; Philosophy of Religion; Genesis 3; Creationism; Hegel

\* *Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Mestre, Especialista e Bacharel em Direito (PUCRS). Professor das Faculdades Integradas São Judas Tadeu. E-mail: ataliba\_kh@hotmail.com*

## INTRODUÇÃO

Reflexões acerca de um dos acontecimentos mais importantes do universo, a saber, a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden (narrado em Gênesis 3, conforme a Bíblia Hebraica), por vezes despertam conclusões intrigantes que, de forma reiterada, suscitam diversas outras novas dúvidas. Necessariamente, é papel da Filosofia (conjuntamente com a Teologia e outras ciências auxiliares neste processo) tentar responder tais questionamentos mediante razoável fundamentação, ainda que isto consista em árdua tarefa. Nos escritos de Georg Hegel, tal tentativa está presente.

Em sua obra *Filosofia da Religião*, o autor alemão faz transcurso sensível a diversas religiões, tendo como foz – ou, como ele chama, *Religião Consumada* (HEGEL, 2018, p.13-274) – o Cristianismo. Ocorre que a característica doutrina trinitarista cristã (onde Deus é: Pai, Filho e Espírito Santo) faz-se altamente palatável para Hegel, haja vista sua lógica estar estruturada (inclusive em outros escritos) em um sistema triádico movido pela dialética entre os elementos de estudo. Contudo, quando da leitura da segunda figura da Santíssima Trindade, O Filho (Jesus Cristo/*Yeshua*), Hegel aparentemente possui dificuldades em aceitar a condição original do homem dada a partir dos eventos ocorridos no Éden, conforme expliquemos a seguir.

Dentre o capítulo referido, no subtópico chamado *O segundo elemento* (HEGEL, 2018, p. 240-267), para alcançar doutrinariamente a máxima representação de Jesus Cristo como Reconciliador da humanidade com Deus, Hegel dá início à sua análise com a Criação e posterior Queda do homem a partir de reflexões sobre os eventos ocorridos no Éden, ora protagonizados por Deus, Adão, Eva e a serpente. Em síntese, para aqueles não habituados com a doutrina criacionista<sup>1</sup>, Gênesis 2 e 3 relatam a Criação do Homem (Adão) e a proibição de Deus quanto ao acesso à Árvore do Bem e do Mal, sendo tão somente permitido comer do fruto de qualquer outra árvore do Éden<sup>2</sup>. A serpente, então, induz Eva a acessar a Árvore, sob o argumento de que a Primeira Mulher não viria a morrer, ao contrário do afirmado anteriormente por Deus<sup>3</sup>. Eva alcança para Adão o fruto proibido e ambos “abrem os olhos”, percebendo-se nus, e, após Deus “descobrir” o ocorrido, expulsa o casal do Jardim, destacando especialmente o afastamento da possibilidade de acesso à Árvore da Vida, pois com isso viveriam eternamente, como “*um de nós*”<sup>4</sup>.

Hegel, contudo, aponta que *a serpente não mentiu*. Constrói seu argumento no sentido de que Deus ter criado o homem à sua imagem é o próprio conceito do homem, e que sua estadia no Éden, ora sem o conhecimento do bem e do mal (que será/ia) obtido através do acesso à Árvore Proibida, consiste no chamado *estado de inocência* (HEGEL, 2018, p. 247). Contextualiza Hegel que, tendo Deus dito “*que o homem é um de nós*”<sup>5</sup>, conhecedor do bem e do mal, após acessar a Árvore, teria de expulsá-lo do Jardim para que não se tornasse *também* imortal, através do acesso à Árvore da Vida. Hegel, conclui, portanto, pela confirmação do anteriormente apontado pela serpente, ainda que aquilo não se tenha concretizado.

Curiosamente, porém, após a conclusão de tal argumento, no §128 da *Filosofia da Religião*, Hegel realiza movimento inesperado.

Abruptamente, abandona o raciocínio que vinha sendo construído previamente e, sem qualquer motivo aparente, passa a averiguar a questão do sofrimento do homem do ponto de vista das dores do parto da mulher e do – agora necessário – trabalho humano para fins de sustento<sup>6</sup>. Aqui, Hegel deixa transparecer certa discordância perante a estrutura dual das Árvores do Paraíso (Árvore do Bem e do Mal e Árvore da Vida) e a

consequente queda do homem. Tanto assim o é que o autor, diferentemente da conhecida característica lógica de seus escritos, consistentes em *afirmação, negação, e negação da negação* (ou *tese, antítese, síntese*), não resolve tais dessincronias. Os conceitos básicos da lógica hegeliana e a robustez de sua sistemática serão mais bem apurados posteriormente, de modo que, aqui, apenas queremos indicar o problema de pesquisa que a redação deste trabalho visa solucionar. Para além disso, impõe destacar o abandono do argumento de Hegel no momento em que afirma que *a serpente não mentiu e Deus fez uma “sátira”*. Uma afirmação de tamanho impacto deveria ter sido mais bem trabalhada de modo que o desleixo nesse sentido, denota algo obscuro a ser irradiado.

Os objetivos desta redação, portanto, são analisar os fatores que levaram Hegel enfatizar a “mediação” da serpente, destacar as incongruências entre os eventos do Éden e a dialética triádica de Hegel e verificar por qual motivo Hegel abandona a dialética triádica quando da análise da Queda de Adão. Não obstante, este artigo visará responder à seguinte pergunta-motriz: *“Houve, por parte de Hegel, um desvio metodológico proposital em sua leitura de Gênesis 3?”*. Utilizando-se do método de abordagem hipotético-dedutivo, mediante revisão bibliográfica pertinente, este trabalho objetiva, ao final, concluir pela confirmação ou não da hipótese inicialmente aventada, sopesando argumentos favoráveis e contrários ao ora estabelecido.

## 1. UMA LÓGICA DA RELIGIÃO(?): APORTES INICIAIS SOBRE A LÓGICA HEGELIANA

Este primeiro capítulo visa estabelecer alguns conceitos introdutórios que serão abordados durante todo o texto. O estudo crítico da lógica hegeliana “aplicada” demanda certa dedicação a introduzi-la, haja vista sua complexidade estrutural. Ainda, objetiva-se destacar alguns dos elementos de Gênesis comentados por Hegel que, de forma ou outra, já dão indícios de seu posicionamento.

Realizar estudos aprofundados sobre a lógica, considerada esta como um ramo da Filosofia não implica em facilidade no seu tratamento – do contrário. Por mais que se trate de segmento científico que se assemelha, em muito, com as chamadas “Ciências Exatas” (como a matemática, a física, etc.), inúmeros autores desenvolveram seu próprio ‘sistema lógico’ – com maior ou menor nível de discrepância entre eles<sup>7</sup>.

É possível dizer que o estudo da lógica formal foi iniciado pelo grande Aristóteles, mais precisamente em seu *Όργανον* (ARISTÓTELES, 2016), histórico compêndio de textos composto pelos livros *Categorias, Da Interpretação, Analíticos Anteriores, Analíticos Posteriores, Tópicos, e Refutações Sofísticas*. Nesta obra, o estagirita deu início – assim como o fez em outros temas – ao aprofundamento deste instigante segmento da Filosofia, estabelecendo indispensável marco teórico. Entre comentaristas e críticos, seus passos foram seguidos por Hegel – não no que tange à dogmática conceitual de seus estudos, mas no que se refere ao alicerçamento de um sistema que possibilitasse a averiguação da coerência lógica de outros estudos que por sua vez visassem abordar fundamentações substanciais (e não meramente formais em si). Por sinal, talvez Hegel seja o autor que cumpriu tal objetivo com maior rigor, conforme o argumento deste texto que estaremos esforçando-nos para demonstrar satisfatoriamente.

A obra *Ciência da Lógica* (HEGEL, 2016) – a qual o nome já informa o conteúdo – é objeto de estudo a nível mundial até os dias atuais, sendo um dos

principais escritos de Hegel e que, necessariamente, enfatiza e auxilia na compreensão (por vezes não tão simples) do restante de sua vasta herança intelectual. Importante destacar aqui, por mais óbvio que possa parecer, que trata-se de impossível tarefa resumir a lógica hegeliana em apertados parágrafos (que é o que estamos fazendo para fins didáticos e argumentativos). Por outro lado, a proposta deste escrito demanda explanação – ainda que introdutória – do funcionamento do sistema hegeliano para que o mesmo possa, posteriormente, ser alvo de crítica. Feito este pequeno introito, é-nos permitido prosseguir.

Resumidamente, o sistema lógico-hegeliano opera mediante o estabelecimento de um processo (movimento) dialético (BOURGEOIS, 2005, p. 2) que, necessariamente, percorre caminho composto por uma tríade (que, sem prejuízo, pode ser representada por um triângulo equilátero) (EUCLIDES, 2009, p. 98). Nomenclaturas absorvidas pelo sistema hegeliano, no que tange a momentos dessa dialética são: *afirmação, negação, e negação da negação* – analogicamente ao que comumente se tem por *tese, antítese, síntese*. Thadeu Weber, um dos principais comentaristas de Hegel na América Latina, bem sintetiza este sentir (WEBER, 1993, p. 42):

“(…) Se utilizarmos a terminologia mais convencional empregada para explicar o método dialético [...], podemos raciocinar da seguinte forma: A tese (afirmação imediata) se encontra mediada (superada e guardada) na síntese, porque passou por um estágio intermediário, isto é, a negação ou antítese. A negação da negação engloba, ao mesmo tempo, a afirmação e a negação, revelando o verdadeiro valor de ambas numa forma superior mais cheia de conteúdo. Ou seja, na negação da negação estão afirmação e negação, não simplesmente somadas, mas estão *aufgehoben*, isto é, negadas, conservadas (guardadas) e elevadas. A negação da negação (síntese) implica, por sua vez, uma nova negação (antítese), donde surge nova determinação mais rica em conteúdo, a síntese, e assim continua o processo. Cada síntese (negação da negação) é fruto da “conservação” de todas as sínteses anteriores (...)”.

O esplêndido recorte operado por Weber, conforme citado acima, pode ser facilmente identificado na organização da obra hegeliana, de modo que trazemos, a seguir, alguns exemplos:

*ser, ser aí, ser para si*<sup>8</sup>;  
*família, sociedade civil, Estado*<sup>9</sup>;  
*ilícito não-intencional, fraude, coação e crime*<sup>10</sup>;  
*direito estatal interno, direito estatal externo, história mundial*<sup>11</sup>;  
*universalidade, particularidade, singularidade*<sup>12</sup>;

Os sistemas elencados acima são apenas alguns dos infinitos possíveis exemplos que poderíamos ofertar como forma de demonstrar a mentalidade triádico-formal da obra hegeliana. Se verificarmos as subdivisões didáticas expostas por Hegel na *Ciência da Lógica*, facilmente iremos identificar seu apetrechamento por trinomias (HEGEL, 2016). Como resta fácil identificar, portanto, as unidades do sistema hegeliano possuem subdivisões triádicas. Uma possível crítica quanto à formulação do sistema em si será realizada posteriormente neste texto – por hora, enfatizamos que o destaque se dá à explicitação do sistema, que inclusive encontra pares na *Filosofia da Religião*, obra aqui em estudo. Por exemplo, percebamos a organização da obra hegeliana: *O Conceito de Religião* está dividido em *O Conceito de Deus, O Saber Acerca de Deus e O Culto*; *A Religião Determinada* está dividida em *A Religião Imediata, A Religião da Beleza e da Sublimidade e A Religião da Finalidade*. Por fim, *A Religião Consumada* compreende

*Deus em sua ideia eterna, A ideia em seu aparecer e na finitude, e A Comunidade* – o que também pode ser compreendido pelo trinômio “Pai, Filho, Espírito Santo”. Conclui-se, então, que a adesão de Hegel às tríades, tanto a nível de conceito quanto ao nível de organização de seus textos, está mantida igualmente na *Filosofia da Religião*.

Com isso, aparentemente, se o ponto de partida de Hegel é suas formalmente inflexíveis tríades, sistemas diádicos podem suscitar certo desconforto no autor – justamente, esta é a proposta do presente artigo investigar isto. A seguir, passemos, portanto, a verificar em específico o objeto de estudo no qual tentar-se-á aplicar a lógica hegeliana (e equacionar sua posterior confirmação ou não).

## 2. HEGEL E OS EVENTOS DO ÉDEN EM GÊNESIS 3

Os estudos sobre a *Filosofia da Religião* de Hegel, via de regra, dependem maior atenção ao aspecto teológico-filosófico do escrito, sem deter-se tanto à análise da lógica formal do que está posto (e a verificação de sua validade). Conforme objetivamos demonstrar, o autor alemão adota um sistema lógico para o desenvolvimento de seus textos, ora caracterizado como *dialético-triádico*. Até aqui, não há maiores problemas. Boa parte dos filósofos ao longo da história detiveram-se a estabelecer um sistema [lógico] que permitisse a visualização da estrutura da realidade por parte do leitor através de suas lentes cognitivas – e Hegel é um exemplo disso<sup>13</sup>.

Por outro lado, a questão que se coloca é se esse sistema possui validade somente em si mesmo ou se, justamente, é possível validá-lo a partir de uma verificação externa (na realidade). Em outras palavras, impõe pôr à prova tal sistema a partir do equacionamento de determinados argumentos utilizando-se de sua estrutura. Se o sistema lógico apenas é válido em si mesmo, e não como critério de verificação da realidade, não passará de um mero capricho idealizado do próprio autor, um jogo que ele mesmo criou as regras e somente ele sabe como jogar. Primeiramente, portanto, iremos adentrar nos argumentos para, posteriormente, submetermos estes ao referido equacionamento lógico. Neste sentido, passemos agora à análise do conteúdo textual deste estudo, qual seja, a leitura feita por Hegel dos eventos ocorridos em Gênesis 3.

Reconstituindo o já exposto, Hegel abre um subtópico dentro do “segundo elemento” de sua *Religião Consumada* (o Cristianismo) chamado *Representação desta figura*<sup>14</sup>. Durante as linhas do texto, o autor alemão discursa sobre diversas nuances extraídas das narrativas expostas nas Sagradas Escrituras em Gênesis 3, dando continuidade ao apresentado previamente. Algumas passagens merecem destaque para que possamos demonstrar a principal problemática de pesquisa que buscamos responder.

É proposto por Hegel: “*Se diz que Deus criou o homem à sua imagem: esse é o conceito do homem (...)*”; e que a vida no paraíso por parte deste mesmo homem é chamada *estado de inocência* (HEGEL, 2018, p. 248), o que já foi referido anteriormente. Em seguida, tem destaque a Queda de Adão, sendo essa o acesso do homem à Árvore do Bem e do Mal, mediante influência da serpente, a despeito da proibição (mandamento) estabelecida por Deus (HEGEL, 2018, p. 248):

“(…) dizem que no paraíso se encontrava a árvore do conhecimento do bem e do mal e que o homem comeu da árvore, contrariando o mandamento de Deus. [...] Do conteúdo se depreende que o fruto é uma representação exterior que pertence somente à exposição sensível. Se diz que o homem se elevou ao conhecimento do bem e do mal e que esse conhecimento e diferença é a fonte do mal, o mal mesmo.

O ser mal é posto no ato de conhecer, da consciência.”.

O autor alemão deduz, então, que o mal, conceitualmente, é a própria possibilidade de diferenciação entre bem e mal por parte do homem – ou seja, a consciência. Na sequência, finaliza nos seguintes termos (HEGEL, 2018, p. 248):

“Os animais não possuem nenhuma consciência, não tem este diferenciar-se em si mesmos e carecem de um ser para si livre a respeito da objetividade em geral. Porém, o diferenciar-se é o mal, a contradição: ele contém os dois aspectos, o bem e o mal. Somente neste diferenciar-se está o conteúdo, o mal, e por isso mesmo é o mal. Logo, é correto dizer que a consciência é aquele onde aparece primeiro o bem e o mal”.

Após ter realizado o aprofundamento transcrito acima, Hegel também discute a hereditariedade do pecado; que a serpente, ao contrário do habitualmente interpretado, não mentiu; e que Deus, na verdade, incorreu em ironia em Gênesis 3:22 (HEGEL, 2018, p. 249), o que igualmente já referimos alhures. Então, a partir deste exato ponto, na passagem desse argumento, é que nosso problema de pesquisa vem à luz.

Se o sistema lógico-hegeliano opera a partir de um movimento dialético, inicialmente, não haveria problema em estabelecer relações entre dois conceitos distintos, ora identificando a metamorfose do pressuposto inicial para o seguinte, por exemplo. Contudo, vimos também que a lógica, em Hegel, opera dentro das chamadas *triades*, ou seja, trincas de elementos, movimentos, conceitos, etc., que, conjuntamente, subdividem alguma unidade transcendente a esses. É o que o ocorre, em Hegel e fora dele, com o Trinômio de Deus (Pai, Filho, Espírito Santo). Porém, pode ocorrer que determinados objetos de estudo, dentro de suas próprias definições, operem em díades, como são os casos do bem e do mal (e a Árvore que eles continha), as duas Árvores do Éden, e Adão e Eva. Teoricamente, portanto, não seria de todo estranho a ocorrência de certa inconformidade ou incoerência lógica por parte de Hegel no momento em que o mesmo tratasse de tais assuntos. E, aparentemente, tal hipótese se confirma.

No parágrafo seguinte (§128), sem qualquer motivo aparente, Hegel opera em um retumbante abandono da dialética do bem e do mal, da potencial divindade de Adão, do que seria a serpente, etc. Queremos dizer com “*motivo aparente*” o fato de que Hegel não pertence ao estilo aleatório de escrita, de modo que sempre finaliza seus raciocínios a partir do movimento dialético-triádico já demonstrado sucintamente em momento pretérito deste manuscrito. Tal constatação, inclusive, é compartilhada por outros autores.

Um escrito de 1958 de Gustav Mueller (1958) relata alguns interessantes fatos históricos ocorridos dentro de contextos acadêmicos, tendo inclusive Karl Marx como um de seus personagens, que demonstram a intensa discussão sobre o trinômio “tese, antítese, síntese” em Hegel. O autor acaba por concluir que a redução da lógica hegeliana a tais termos é equivocada, sendo “(...) a brutal simplificação uma das especialidades marxistas”(no caso, teriam os marxistas operado na divulgação de tal interpretação) (MUELLER, 1958, p. 414). Em complemento ao que estamos arguindo, a leitura do manuscrito de Mueller referencia outra obra focada em Hegel, *The Philosophy of Hegel*, de Walter Stace (1924). Com ainda maior contribuição a este artigo do que Mueller, em sua análise da obra hegeliana, W.T. Stace expõe claramente que, igualmente, identificou o padrão lógico das triades em Hegel, e que, por vezes, o próprio autor alemão rompe com a predominância trinomial que ele mesmo estabeleceu. Diz o autor, em tradução livre do inglês original (STACE, 1924, p. 106):

“Por exemplo, na Filosofia do Espírito Hegel expõe como uma de suas tríades a noção de arte, religião e filosofia. Aqui, arte operaria como tese, religião como antítese, e filosofia como síntese. É muito difícil perceber em qual sentido religião é o oposto de arte; e é quase impossível de verificar que arte e filosofia estão relacionadas como gênero e espécie (...) Vários exemplos podem ser dados neste sentido. Existem até casos de “tríades” que contêm quatro termos! Essas irregularidades, contudo, não indicam que nossa descrição do método dialético está errada. O que elas mostram é que o próprio Hegel não conseguiu manter em absoluta consistência seu próprio método dialético em todos os casos. Isto, é claro, é uma imperfeição de seu sistema. (...)”.

Confesso que, por vezes, tive receio de elaborar este escrito. Mas, para mim, é tão escancarada a sistemática de Hegel que não fui capaz de desistir da exposição destes argumentos e consequente estruturação deste texto. Podemos perceber no trecho extraído da obra de Stace que não estou de todo equivocado. Agora, podemos prosseguir com a análise da Filosofia da Religião.

A continuação do texto de Hegel, ora em análise crítica, abre espaço para a identificação de outras “punições” impostas por Deus à humanidade em face da transgressão da primeira proibição, um *castigo do pecado*, exemplificado aqui nas dores do parto humano (protagonizadas, obviamente, pelas mulheres) e na necessidade do homem ter de trabalhar para obter seu sustento/alimento. Vejamos o referido ponto de inflexão (HEGEL, 2018, p. 249):

“La palabra de la serpiente no era, pues, ningún engaño. Esto habitualmente es pasado por alto según el prejuicio que se ha tenido una vez; se cree que es una ironía de Dios, que hizo una sátira. A continuación el trabajo y el parto (...)”.

Sumariamente, portanto, o arguido abandono metodológico de Hegel concentra-se no fato do autor ter elaborado robusta construção argumentativa em torno de diversos “diádicos”, por assim dizer, e, abruptamente, proceder em uma conversão que desvia do que estava sendo edificado.

Posteriormente, Hegel acaba por abordar a Árvore da Vida juntamente com a Árvore do Bem e do Mal, mas não em um contraponto dialético. Apenas refere que o motivo pelo qual Deus expulsou Adão e Eva do Éden se deu ao fato de estar também no Jardim a chamada Árvore da Vida, e que, caso o Primeiro Casal também obtivesse acesso a essa, atingiria em absoluto o status de divindade. Prossegue, então, o autor, dizendo: “(...) *Se considerarmos mais de perto se mostra imediatamente que isto [o desejo de imortalidade do homem] é somente uma representação infantil. O homem, como vivente singular, sua vitalidade e naturalidade devem morrer*” (HEGEL, 2018, p. 249-250). Nesta citação percebemos, novamente, outro erro conceitual teológico de Hegel – o que começa a dar indícios de que quando o autor não encontra possibilidade de enquadramento em seu campo lógico, sente-se desconfortável em seu processo filosófico-criativo. Intrigantemente, Hegel incorre, mais uma vez, em erros conceituais dentro de uma teologia por ele tão conhecida<sup>15</sup>. O não aprofundamento sobre a dialética do bem e do mal – ou, ao menos, entre as duas Árvores do Éden – incita a propositura de hipótese no sentido de que *Hegel* desviou propositalmente do assunto por não encontrar nele os elementos necessários para enquadrá-los em seu sistema lógico, ou seja, em uma tríade.

Contudo, salientamos que os exemplos anteriormente desvelados concretizam-se em inúmeros outros textos: os quais, no caso, foram enfrentados de forma franca e determinada a cumprir com a tríade movida pela dialética. Mas aqui já não há mais

espaço para destrincho. Após termos nesta primeira parte buscado apresentar nosso problema de pesquisa e a hipótese aventada para solucioná-lo, a sequência do texto propõe-se a equacionar a lógica hegeliana dentro do recorte metodológico adotado.

### 62 3. (IN)FLEXIBILIDADE (I)LÓGICA: A LÓGICA HEGELIANA (IN)APLICADA À FILOSOFIA DA RELIGIÃO

As primeiras partes deste artigo ativeram-se a apresentar o contexto no qual o problema de pesquisa posto está desenvolvido e, ainda que de forma introdutória, apontar algumas das incongruências lógicas existentes na *Filosofia da Religião* de Hegel. Neste derradeiro momento, partiremos em busca de soluções para os problemas apresentados, utilizando também de outros textos que contribuem de forma ou outra com o ora proposto.

Após termos argumentado em desfavor do equacionamento lógico de Hegel operado em sua *Filosofia da Religião*, é momento de dar ainda maior robustez a tal proposição e passar a moldar certos apontamentos de caráter mais contundente. Vimos que as tríades dialéticas são o sistema que alicerçam o pensamento hegeliano, de modo que, invariavelmente, os conteúdos por ele abordados recaem nesta propositura lógica, e tão somente a partir daí, mediante contradição argumentativa para com outros elementos, passam a ser discutidos, destrinchados, desmembrados, etc.

Ressaltemos aqui que são poucos os autores que estabelecem uma crítica *lógica* utilizando a *Filosofia da Religião* de Hegel como objeto de avaliação, mas os referidos escritos de Mueller e Stace garantem que não há nulidade nesse sentido. Em sentido similar, em outros textos, podemos perceber que a despeito da utilização da *Ciência da Lógica* de Hegel, uma análise teológico-filosófica é mais invocada para fins de conceituação e explicitação de outros sistemas lógicos (como uma “lógica do espírito”, por exemplo)<sup>16</sup> do que, propriamente, um estudo lógico em si (ora já mencionado). Ainda que assim o seja, não é escassa a gama de comentaristas da *Filosofia da Religião* que exercem papel crítico em certos aspectos, contribuindo substancialmente para o desenvolvimento deste texto.

Um dos mais citados comentaristas de Hegel, Peter Hodgson, realiza algumas importantes colocações em sua obra *Hegel and Christian Theology: A Reading of the Lectures on the Philosophy of Religion* (2005). Dentre o atinente ao recorte metodológico adotado neste artigo, Hodgson refere que existem algumas diferenças substanciais do posicionamento de Hegel entre as várias versões publicadas da *Filosofia da Religião*, principalmente no que se refere à “dialética do bem e do mal” (pois, primeiro, seria meramente uma contradição; em outra versão, estaria afirmada a maldade *por natureza* do ser humano; e, ao fim, que o ser humano seria implicitamente bom). Contudo, chama a atenção a afirmação de Hodgson no sentido de que Hegel *erroneamente* atribui a Kant a doutrina da “bondade natural do ser humano”, e não a Rousseau<sup>17</sup>. A seguir, Hodgson argumenta que Hegel trivializa (simplifica) demais o “problema” do mal vinculando estritamente sua existência ao conhecimento humano – o que resta clarificado em sua leitura dos eventos ocorridos no Jardim do Éden –, falhando em reconhecer seus aspectos irracionais e absurdos (HODGSON, 2005, p. 154). Categoricamente, Hodgson afirma que, neste sentido, Hegel opera em uma *distorção* daquilo que é melhor no ser humano (aquilo que o faz diferente de todos os animais, ou seja, sua racionalidade), e não no que é pior.

Conjuntamente com os apontamentos de Hodgson, o mesmo autor cita a visão



científica de Deus perseguida por Hegel a partir do estabelecimento de uma “trajetória do espírito” (COELHO, 2018, p. 177), tendo sua referência originária na obra de Cyril O’Reagan, *The Heterodox Hegel* (2005). Eis aqui um ponto interessante. Se adotarmos como lente interpretativa da *Filosofia da Religião* de Hegel a “trajetória do espírito”, então veremos certa perfectibilidade do percurso desse elemento tão caro ao autor alemão, inclusive atendendo às categorias da dialética triádica. Impõe referir aqui, em que pese tal alude, que o correto equacionamento lógico da trajetória do espírito na obra hegeliana não autoriza o isolamento e desqualificação das outras incongruências lógicas necessárias para que aquela ocorra, que é o que, infelizmente, Stace argui ao final do raciocínio explicitado alhures (STACE, 1924, p. 106):

“(…) Ainda assim, o fato de ele ter cometido equívocos na aplicação de seus princípios não necessariamente implica na invalidação dos princípios em si.”

Não há qualquer possibilidade de concordância com Stace em tal sentido. Se a lógica hegeliana é utilizada não somente como metodologia, mas também como condição de desenvolvimento de seus conceitos, *necessariamente*, os equívocos lógicos (propositais ou não) invalidam, ou, ao menos, prejudicam a avaliação de seu argumento. Por exemplo, não pode Hegel arguir, como o faz, de que a serpente falou a verdade à Eva e que Deus fez uma “sátira” (HEGEL, 2018, p. 249) sem enfrentar a dialética diádica em favorecimento às suas tríades, que são então apresentadas em contexto diverso. Em outras palavras, o acerto na trajetória do espírito não enseja a correção na dialética do bem e do mal – é como se Hegel estivesse realizando uma complexa equação matemática, e obtivesse o resultado correto a despeito do equívoco de ter operacionalizado  $1 + 1 = 3$ .

Retomando o argumento anterior, impõe destacar aqui que não é o objetivo deste trabalho realizar maiores aprofundamentos na *Fenomenologia do Espírito* hegeliana, tanto no que tange à obra em si quanto ao estudo do espírito. Contudo, é igualmente de extrema importância pincelar que a chamada “trajetória do espírito”, em Hegel, atende ao seu sistema dialético-triádico, leitura metodológica sustentada por Robert Erlewine (2020, p. 96). A sobrepujante atenção de Hegel ao “trajeto do espírito”, mais do que aos diversos e instigantes temas passíveis de estudo contidos nas narrativas de Gênesis 3, intrigaram o professor de Illinois.

Em seu texto, ele critica alguns posicionamentos realizados por Hegel em sua *Filosofia da Religião*. Na visão do autor, Hegel acaba por incorrer em uma estratégia discursiva de diversos outros autores contemporâneos no momento em que subjuga o Judaísmo ao Cristianismo – colocando o último como “*Religião Consumada*” –, seguindo uma tendência de realizar distinções radicais entre noções *falsas* ou *verdadeiras* de Deus<sup>18</sup> (a partir de cada religião, por exemplo)<sup>19</sup>. Também, aponta que a adoção [por parte de Hegel] do Cristianismo como “*Religião Consumada*”, aparentemente, se dá pelo fato de ser possível perceber o perfeito desenvolvimento do espírito através do sistema dialético-triádico naquela religião<sup>20</sup> (ou seja, estaria operando-se mais em uma preferência de enquadramento metodológico do que, propriamente, uma defesa meritória do conteúdo em si). Posteriormente, Erlewine conclui seu comentário: “(…) [a percepção de Hegel de Gênesis 3] é um tanto quanto radical pois modifica o significado da história da desobediência e do pecado, representando, em vez disso, um momento necessário do processo de desenvolvimento do espírito”<sup>21</sup>.

Buscamos demonstrar até aqui citações exemplificativas que criticam, em maior

ou menor medida, as adequações realizadas por Hegel em sua *Filosofia da Religião*, aparentemente para fins não diferentes da priorização da formatação de sua filosofia em detrimento do conteúdo o qual a mesma está avaliando. Qualquer crítica desferida a Hegel demanda robusta munição argumentativa, e disso possuímos plena consciência: tanto assim o é que buscamos vigor hercúleo para cumprir com tal proposta. A seguir, adentraremos o encaminhamento das linhas finais deste artigo, equacionando a lógica hegeliana em face dos eventos duais ocorridos em Gênesis 3.

#### 4. IMPOSSIBILIDADES DE UMA LÓGICA ESTÁTICA

Se pudéssemos resumir o aspecto lógico da discussão contida neste artigo, diríamos o seguinte: “*Todo elemento unitário (ou seja, representado pelo número um), necessariamente, é composto de três processos (momentos distintos). Igualmente, todo elemento que carrega consigo algo de subjetivo, necessariamente, é contraposto por outro elemento que carrega a mesma subjetividade, porém invertida e complementar, causando uma tensão permanente entre ambos. Porém, Hegel não visualiza a segunda afirmação.*”.

A principal crítica que estamos tecendo, a partir de uma percepção aparentemente fácil de ser realizada, é que Hegel tende a formatar sua filosofia, inexoravelmente, em um modelo trino – independentemente do objeto de estudo. Porém, impossível olvidarmo-nos que a estrutura da realidade (o que poderíamos chamar também de natureza), além desta possível e conhecida divisão, também possui diversas outras que compõem o espaço-tempo. De forma similar ao exemplificado anteriormente, confrontamentos diádicos na natureza podem ser exemplificados em:

CONTRADIÇÕES REFLEXIVAS/DIÁDICAS	
<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>
<i>Positivo</i>	<i>Negativo</i>
<i>Céu</i>	<i>Inferno</i>
<i>Sístole</i>	<i>Diástole</i>
<i>Atração</i>	<i>Repulsão</i>
<i>Adição</i>	<i>Subtração</i>
<i>Multiplicação</i>	<i>Divisão</i>

Mas, para que não divaguemos excessivamente em abstrações lógicas, retomemos a leitura de Gênesis 3.

No sentido do já explicitado, em linhas gerais, as narrativas históricas de Gênesis 3 contêm elementos de uma dialética diádica<sup>22</sup> – e não triádica, diferentemente do que é mais apetecível a Hegel. São deles: Adão e Eva (o homem e a mulher); as Árvores da Vida e do Bem e do Mal; e o bem e o mal em si mesmos (despertos a partir do acesso à Árvore). Percebamos que tais exemplos coadunam com a conceituação exposta no parágrafo anterior, uma vez que atendem à contradição e permanente tensão entre dois elementos passíveis de subjetivação que estão justapostos. Porém – e aqui é retomado o principal argumento deste artigo científico –, Hegel não enfrentou devidamente esses sistemas duais em face da impossibilidade da operação de superação e conservação (WEBER, 1993, p. 41) dos dois elementos primeiros para que fosse possível chegar a um terceiro idealizado<sup>23</sup> (*tese, antítese, síntese*).

É atribuído a Pitágoras o cunho original da palavra *filósofo* (φιλόσοφος), culminando na origem do termo *filosofia* (φιλοσοφία). A precisa veracidade histórica

disto não é de extrema relevância para nós (ao menos neste manuscrito), e também não implica em maiores distorções do que está sendo aqui arguido. Contudo, o fato de comumente colocar o proeminente grego da ilha de Samos como “o primeiro” de nossa tão cara atividade é um fato considerável – além, claro, de sua infinita contribuição intelectual.

Conscientemente ou não, Hegel afigura-se como um profícuo conhecedor do sistema pitagórico, ao menos no que se refere ao seu sistema lógico. A equação  $a^2 = b^2 + c^2$  (o quadrado do comprimento da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos comprimentos dos catetos) é notável conhecida desde crianças no ensino elementar até o mais bem instruído matemático: e Hegel, por óbvio, está contido nesse conjunto. O autor alemão cita algumas vezes o matemático de Samos em sua *Ciência da Lógica* (HEGEL, 2016) o que dá indícios de um conhecimento não tão superficial dos triângulos e que, ainda que não na matemática, mas na filosofia (lógica hegeliana), acabaram por ser implementados. O problema, já estabelecido, é que Hegel parece operar em uma formatação prévia de seu sistema (lógico) e que, somente a partir daí, passa a estudar a estrutura da realidade da forma como ela é dada (no caso, aqui, o Texto Bíblico). É como se o autor alemão estabelecesse o seguinte: “*Conforme dado da aritmética,  $1 + 1 = 2$ . Porém, para mim,  $1 + 1 = 3$* ”, e somente a partir de então passasse a raciocinar filosoficamente<sup>24</sup>.

Não queremos aqui realizar um estudo puramente lógico. Para isso, teríamos de invocar os estudos de Euclides, Parmênides, Aristóteles e tantos outros, o que elasteceria de sobremaneira o escopo deste artigo e impossibilitaria o devido enfrentamento das obras desses autores. Mas, de todo modo, impõe salientar – caso ainda não esteja explicitado o suficiente – que o problema da leitura de Gênesis 3 realizada por Hegel, conforme demonstrado, sustentado tal argumento por diversos outros autores, é o caráter inflexível de sua análise perante sua própria lógica.

## CONCLUSÃO

Adão e Eva seriam dois intrigantes elementos de estudo no que tange à diferenciação (e tensão) natural entre o homem e a mulher; a análise dos conteúdos das duas Árvores do Éden equaciona os principais anseios do homem; o bem e o mal permanecem, até os dias atuais, como adjetivos imediatos de qualquer pessoa – mas Hegel não enfrenta tudo isso.

Prefere realizar sua trajetória do espírito e utilizar-se de tais eventos para embasar a reconciliação do homem com Deus na figura de Jesus Cristo. E não que isto seja digno de crítica, pelo contrário. Apenas demonstra que, por vezes, a construção de um raciocínio filosófico pode estar se dando de forma enviesada, no momento em que, desde o início, já se possui uma resposta predisposta, ainda que em caráter meramente formal, intangibilizando seu raciocínio de quaisquer alterações de rumo que possam vir a ocorrer.

A tarefa de criticar Hegel fundamentadamente, definitivamente, não é das mais doces. Acreditamos ser de fácil percepção o esforço realizado neste trabalho para que fosse possível destrinchar pontos específicos de obras hegelianas, esmiuçá-los, e, a seguir, apontar incongruências. Talvez o principal atrativo acadêmico do autor alemão justamente seja esse: a complexidade de seus escritos.

Tanto na *Ciência da Lógica* quanto na *Filosofia da Religião*, cada parágrafo

escrito por Hegel consiste em extenso e profundo oceano de informações possíveis de serem debatidas, ou, simplesmente, admiradas. Qualquer movimento crítico, necessariamente, afeta diversas outras engrenagens muito bem dispostas que por vezes, inclusive, quase que permitem justificar qualquer erro cometido a nível formal, conceitual, ou metodológico. Em Hegel, constantemente, estamos em um jogo de xadrez intelectual. Deve ser dito: o alemão joga com as brancas. Se navegar no oceano de ideias hegeliano é tarefa extremamente dificultosa, talvez o que possa vir a tornar a mesma agradável é vigiar a correnteza do ponto de vista da terra firme. Hegel não erra dentro de seu próprio sistema: fora dele, o cenário é diverso.

Quando estudamos sua *Filosofia da Religião*, logo no sumário, percebemos a construção de seu raciocínio dentro da perspectiva da lógica dialético-triádica, semelhante a outros textos. Aprofundando a leitura, logo percebemos, igualmente, o afastamento da solução das contradições diádicas e a persecução às tríades – o que foi exposto neste manuscrito, reforçado pelo apoio de outros autores.

A partir deste escrito, portanto, nos posicionamos em sentido contrário ao exposto por Hegel em sua *Filosofia da Religião*, enfatizando que os conceitos e conclusões por ele expostos possuem vícios lógicos, haja vista a incongruência dos temas para com o sistema triádico por ele pré-estabelecido para seus escritos. Como não há um terceiro elemento entre bem e mal, homem e mulher, e “apenas” duas Árvores no Éden, Hegel preferiu não aprofundar tais assuntos propositadamente, e acreditamos que o arcabouço teórico trazido junto com este escrito legitima esta afirmação.

Em tom conclusivo, portanto, a partir da avaliação de outros autores do mesmo texto hegeliano, ainda que não exclusivamente quanto ao aspecto do lógico do mesmo (pois esta tarefa restou a nós imbuída), podemos assinalar positivamente a hipótese inicialmente aventada para a resposta à pergunta-motriz deste trabalho. Hegel, propositalmente, realiza desvios em seus textos para que seu raciocínio reste perfeitamente encaixado com seu sistema lógico – e a página 249 da *Filosofia da Religião* na versão que utilizamos como referencial (assim como em outros trechos), é perfeito exemplo disso.

De toda sorte, é inevitável a reverência à Hegel pela qualidade, profundidade e extensão de suas obras. Apesar disso, é vedado ao exercício acadêmico a implementação de dogmas lógico-conceituais, por mais trivial que isto seja para aqueles que estão devidamente habituados e cientes de sua posição enquanto integrantes do chamado “corpo científico”. Assim, Hegel não está isento de fundamentadas críticas – que foi, justamente, o que nos propusemos a fazer –, principalmente quando não há voz dissonante perante uma plateia em estado de ebriedade. Em certos contextos, afirmar que  $1 + 1 = 3$  não é algo tão espantoso, pois não há nada mais fácil do que jogar um jogo que você próprio criou as regras.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Órganon*: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas. São Paulo: Edipro, 3. ed., 2016.
- BOURGEOIS, Bernard. Dialética e absoluto em Hegel. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, v. 2, n. 2/3, 2005, p. 2.
- CARROLL, A. J. Between the Infinite and the Finite: God, Hegel and Disagreement. *European Journal for Philosophy of Religion*, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 95–113, 2019. DOI: 10.24204/ejpr.v11i3.2959. Disponível em: <https://philosophy-of-religion.eu/index.php/ejpr/article/view/2959>. Acesso em: 17 oct. 2021.

- COELHO, Humberto Schubert. O Deus “Cristão” de Hegel; a estrutura das Preleções sobre Filosofia da Religião e a reação a elas. *Revista Ética e Filosofia Política*, nº XXI, Volume I, jun/ 2018, p. 175-197.
- DAHLSTROM, Daniel. Hegel on Logic and Religion: The Reasonableness of Christianity (BURBIDGE, John W.). *The Review of Metaphysics*, Vol. 48, No. 2 (Dec., 1994), pp. 395-397.
- EBERLIN, Marcos Nogueira. *Foresight: How the Chemistry of Life Reveals Planning and Purpose*. Seattle, WA: Discovery Institute Press, 2019.
- ERLEWINÉ, Robert. Samuel Hirsch, Hegel, and the Legacy of Ethical Monotheism. *Harvard Theological Review*, v. 113, n. 1, p. 89-110, 2020.
- EUCLIDES. *Os elementos*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FACKENHEIM, Emil L. *The Religious Dimension in Hegel's Thought*. Boston: Beacon, 1967.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da lógica: 1. A doutrina do ser*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: 1830*. São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fé e Saber*. São Paulo: Hedra, 2007.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia de la religión*. Madrid: Trotta, 2018.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia do Direito*. Porto Alegre: Editora Fênix, 2021.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *O Espírito do Cristianismo e seu Destino*. Porto Alegre: Editora Fênix, 2021.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Vida de Jesus*. São Paulo: Editora Clandestina, 2019.
- HODGSON, Peter. *Hegel & Christian Theology: A Reading of the Lectures on the Philosophy of Religion*. Oxford University Press, 2005.
- LOURENÇO, Adauto. *Gênesis 1 e 2: a mão de Deus na Criação*. São Paulo: Fiel, 2018.
- MUELLER, Gustav E. The Hegel Legend of "Thesis-Antithesis-Synthesis". *Journal of the History of Ideas*, p. 411-414, 1958.
- O'REGAN, Cyril. Hegelian Philosophy of Religion and Eckhartian Mysticism. In: HODGSON, Peter. *Hegel and Christian Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- WEBER, Thadeu. *Hegel: Liberdade, Estado e História*. Petrópolis: Vozes, 1993.

## NOTAS

- 1 Para um aprofundamento científico sobre a matéria, ver: EBERLIN, Marcos Nogueira. *Foresight: How the Chemistry of Life Reveals Planning and Purpose*. Seattle, WA: Discovery Institute Press, 2019.; e LOURENÇO, Adauto. *Gênesis 1 e 2: a mão de Deus na Criação*. São Paulo: Fiel, 2018.
- 2 Gênesis 2,15-16.
- 3 Gênesis 3,4.
- 4 Gênesis 3,22-23.
- 5 Gênesis 3,22
- 6 “Penalidade” imposta à Adão e Eva, por Deus em Gênesis 3,16 e 17.
- 7 Podemos destacar neste sentido os autores Arthur Prior, em *Formal Logic*, Charles Peirce, em *Semiótica*, e Platão em *Parmênides*.
- 8 Na chamada Primeira seção: Determinidade (qualidade), em *Ciência da lógica: 1*.
- 9 Na chamada Eticidade, em *Filosofia do Direito*.
- 10 No chamado Ilícito, em *Filosofia do Direito*.
- 11 No chamado Estado em *Filosofia do Direito*.
- 12 No §163 (doutrina do conceito) em *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: 1830*.
- 13 Os melhores exemplos disto são Platão e Aristóteles.
- 14 O texto utilizado para a composição deste artigo trata-se da versão em língua espanhola. Aqui, fizemos uma tradução livre de *Representación de esta figura*, da página 247.
- 15 Podemos perceber isso a partir da existência de outras obras de Hegel, como: *O Espírito do Cristianismo e seu Destino*, *Fé e Saber*, e *Vida de Jesus*.
- 16 O que será melhor explicitado a seguir.
- 17 Pois, conforme Hodgson, ao contrário de Rousseau, Kant asseverava a presença de um mal radical na humanidade, em que pese ele acreditasse que um núcleo original de bondade

poderia ser reavivado mediante a aderência à sua lei moral proposta nas formulações do imperativo categórico.

18 Com referência original citada por Erlewine em: FACKENHEIM, Emil L. *The Religious Dimension in Hegel's Thought*. Boston: Beacon, 1967.

19 ERLEWINE, Robert. Samuel Hirsch, Hegel, and the Legacy of Ethical Monotheism. *Harvard Theological Review*, v. 113, n. 1, 2020, p. 91.

20 *Ibidem*, P. 96.

21 ERLEWINE, Robert. Samuel Hirsch, Hegel, and the Legacy of Ethical Monotheism. *Harvard Theological Review*, v. 113, n. 1, 2020, p. 99.

22 Como no quadro acima.

23 O idealismo triádico da lógica hegeliana foi exposto no primeiro subtópico deste artigo.

24 É importante destacar que a mesma crítica aqui realizada torna-se mais dificultosa quando da análise da Filosofia do Direito de Hegel, texto esse que parece atender mais à estrutura da realidade do que à própria lógica.